



CONDIÇÕES ECONÔMICAS NA AMÉRICA LATINA _

A história recente das relações diplomáticas entre os Estados Unidos e quase toda a América Latina enche páginas em que não se sabe o que mais admirar: se a cordialidade espontânea e invariável de nossos entendimentos de natureza política, mesmo nas instâncias mais graves e delicadas da vida de nossos países, ou se a sinceridade no trato dos problemas mais árduos, de cuja solução tem dependido a unidade da família pan-americana e, às vezes, a própria estabilidade política deste hemisfério.

O nível oficial envolve homens de grande cultura e, assim, não admira que os resultados tenham, até hoje, sido em geral tão bons.

Os mesmos resultados, entretanto, não se tem obtido no terreno econômico, fora da esfera puramente diplomática ou governamental. Aqui entramos noutro terreno das relações latino-americanas, onde a linguagem empregada tem sido diferente e onde as conseqüências, igualmente, têm sido outras.

As nações latino-americanas estão convencidas de que as Américas devem ser um bloco inteiro; mas sabem, também, que isso não será possível sem o fortalecimento de suas economias. Os homens de responsabilidade econômica na América Latina estão convencidos, também, de que o estabelecimento em seus países de condições que per-

mitam o seu desenvolvimento, equivalerá criar, em bases sólidas e permanentes, no Hemisfério americano, uma infra-estrutura econômica que cimentará, cada vez mais, a solidariedade no campo político. Essa compacidade é necessária à defesa de nossas convicções pessoais e das nossas instituições nacionais, isto é, do nosso "way of life".

A carência de divisas para a manutenção de um intercâmbio sempre crescente de mercadorias e serviços entre nossos países tem tido dois efeitos: a) perturbar o comércio normal, que tem variado demasiadamente, impedindo atividades normais e tranqüilas; b) provocar um surto de industrialização desordenada que, freqüentemente, busca aproveitar-se de um mercado oportuno, e, não criar valores definitivos. A industrialização de regiões, como o Brasil, visa, como vemos, a enfrentar uma situação criada pela conjuntura econômico-financeira, em face de um mercado interno em permanente expansão, mas sem possibilidades de poder contar com suprimentos externos para a obtenção de bens de capital.

Os Europeus têm manifestado uma compreensão perfeita do problema e, apesar de suas limitações, estão organizando em vários países da América Latina empresas industriais de grande repercussão futura, quase sempre com a colaboração de capitais locais. Assim, no que diz respeito ao Brasil, se podem citar Mercedes-Benz, Bayer, Mannesmann, Kloeckner, Echnneider-Creusot, Krupp, Volkswagen, etc.; o País que foi, depois da guerra e até 1954, um dos maiores consumidores de automóveis de proveniência americana, verá nascer, em seu território, automóvel de origem européia.

* *
*

"O Exército tem tanto interesse na narração das guerras já cobertas pela poeira do passado, como nas que ainda exalam o fumo das batalhas."

GEN MAC ARTHUR

"Quem escreve sobre Estratégia e sobre Tática, deve ater-se em ensinar uma Estratégia e uma Tática Nacionais, únicas suscetíveis de serem proveitosas à Nação para a qual se escreve."

VON DER GOLTZ

BOMBAS NUCLEARES ABREM PÔRTO NO ALASCA

— Foi há pouco divulgado que cientistas estadunidenses tencionam pôr em execução um grandioso projeto relativo à construção de um novo pôrto, utilizando bombas de hidrogênio na demolição de milhões de toneladas de rocha.

O projeto é interessante não apenas pelo seu porte, já que somente as explosões envolverão gastos da ordem de 1,75 milhões de libras, mas também porque representa o primeiro passo real para a transformação da reserva nuclear destruidora em "dinamite atômica" para fins construtivos.

A divuigação dessa perspectiva nos dias que precederam o início das conversações de Genebra, para suspensão das provas atômicas, indica que o Governo dos Estados Unidos está decidido a não permitir que o contrôle político sôbre as explosões impeça as possíveis aplicações úteis desses engenhos.

1 — Os cientistas soviéticos e alguns britânicos criticaram a possibilidade de serem as bombas de hidrogênio utilizadas em proveito do bem-estar humano quando pela primeira vez, a idéia foi apresentada pelo Dr. Edward Teller, o pai da bomba H norte-americana. Desconfiavam de que se tratasse de um ardil destinado a assegurar a continuidade das experiências americanas com armas atômicas.

A decisão de dar prosseguimento ao projeto demonstra a sua genuinidade, pois, se a explosão para abertura do pôrto fôr bem sucedida, pretendem os americanos aplicar mais 32 milhões de libras em instalações portuárias e de armazenagem.

A localização do pôrto no gôlfo de Kotzebue, na costa ocidental do Alasca, à distância de cerca de 320 quilômetros da União Soviética, sugere que seus objetivos são mais estratégicos do que comerciais. Se, porém, a iniciativa alcançar êxito, o uso dos explosivos atômicos em obras de engenharia exclusivamente civil será inevitavelmente iniciado.

2 — Os cientistas acreditam que poderão escavar uma bacia com 90 metros de profundidade e um canal de acesso por meio da detonação de quatro bombas de hidrogênio, em condições de não provocarem contaminações perigosas. Crêem em que estas bombas podem ficar isentas de emanações nocivas se envolvidas em um cobertor de produtos químicos absorventes e mediante o uso de detonadores especialmente desenhados para êsse fim.

Os habitantes locais terão de ser deslocados cerca de 24 quilômetros além de Câbo Thompson, a aldeia mais próxima do pôrto

projetado, durante as explosões. Esperam os cientistas que eles possam voltar ao lugar, com toda a segurança, quinze dias depois. O problema de evitar que as pesadas massas de escombros deslocadas pelas explosões caiam em locais inconvenientes parece ter sido solucionado, segundo afirmou o Professor Teller.

3 — A abertura de novos canais de costa a costa é uma decorrência lógica no projeto de construção do pôrto. Explosões subterrâneas também poderão ser utilizadas para desagregar depósitos profundos de minérios, inatingíveis pelas escavações comuns, em condições que possibilitem a sua extração por meio do bombardeamento posterior de agentes químicos.

Seria ainda possível liberar grandes quantidades de petróleo contidas em areias e xistos betuminosos dos quais há vastas ocorrências no Canadá. O calor desenvolvido pelas explosões subterrâneas liquefaria o petróleo depositado, permitindo a sua extração.

Ninguém alimenta dúvidas quanto ao valor potencial das bombas de hidrogênio na construção de reservatórios de água subterrâneos. Calcula o Professor Teller que uma bomba de tamanho médio pode abrir uma cavidade com amplitude bastante para conter 320 milhões de litros de água. A elevadíssima temperatura fundiria a rocha, formando um revestimento vítreo no gigantesco tanque.

A criação de tais reservatórios poderia modificar o futuro econômico da Austrália, cuja maior expansão é impedida pela falta de água. Torrentes caudalosas originárias do rio Murray-Darling assolam glebas imensas, escoando-se em seguida. Esses excessos poderiam ser colhidos e guardados e depois bombeados na medida do necessário.

Estão os chefes da política atômica inglesa atentos para as possibilidades do uso dos explosivos atômicos nos países da Comunidade. Eles certamente não de buscar suprimentos da Grã-Bretanha.

Minhas pesquisas demonstram que, embora não haja um projeto definido, a importância das explosões subterrâneas não escapou à atenção do cientista de quem depende agora a primazia britânica na aplicação industrial do átomo, Sir William Cook. Bill Cook acaba de ser deslocado das pesquisas sobre armamentos (controlou as explosões realizadas nas ilhas Christmas) para dirigir o setor industrial.

Está assim a Grã-Bretanha em posição singular, tendo um especialista em bombas de hidrogênio dedicado à exploração de todos os usos construtivos do átomo.

As atenções do mundo, estarão doravante voltadas para a experiência no Alasca, até que culmine com a gigantesca explosão de 1960. Seria interessante que, a esse tempo, tenha a Grã-Bretanha sacrificado pelo menos um engenho de seu estoque atômico para experimentar o projeto de reserva de águas de parceria com os australianos, aos quais dele poderão advir tantos benefícios.

TRANSFORMAÇÃO DE CALOR EM ELETRICIDADE

Major "T" IDÁCIO LEITE PEREIRA

Os cientistas têm procurado maneiras simples de converter o calor diretamente em eletricidade desde que a utilidade desta foi descoberta.

A maioria das tentativas para a conversão direta usava pares termelétricos ou células termogalvânicas. Contudo, nada do que foi desenvolvido até agora, inclusive o novo conversor termo-iônico da GE, oferece séria competição aos métodos atuais de produção de grandes quantidades de eletricidade. O conversor termoiônico é um dos desenvolvimentos que devem ser julgados pelo conhecimento que êie traz, não ainda como um produto comercial.

O novo conversor combina vários princípios científicos conhecidos de um modo original. Os elétrodos dentro do aparelho em feiitio de tubo são mantidos em temperaturas elevadas, porém diferentes.

O cátodo mais quente opera a cêrca de 2500°F. O sucesso dêste aparelho depende da introdução do gás ionizado entre os elétrodos.

Estas partículas carregadas positivamente tendem a cancelar o efeito dos elétrons carregados negativamente, permitindo a passagem do elétron do cátodo para o ânodo. Assim o velho problema de um elétron ser repellido quando cercado por elétrons num vácuo ou meio gasoso, chamado de efeito-espaco-carga, foi resolvido.

A eficiência do conversor termo-iônico é cêrca de 8%, com a esperança de se elevar até 30%.

Quando êste último objetivo fôr realizado, o cátodo emissor será dimensionado para 10 watts por cm quadrado ou 100 cm quadrado para 1 kw de saída.

O modelo atual de laboratório tem uma saída de 3 watts por cm quadrado que se traduz em 1/2 watt a 0,8 volts.

A corrente contínua alimentada por tal aparelho, provàvelmente nunca excederá um potencial de 2 ou 3 volts.

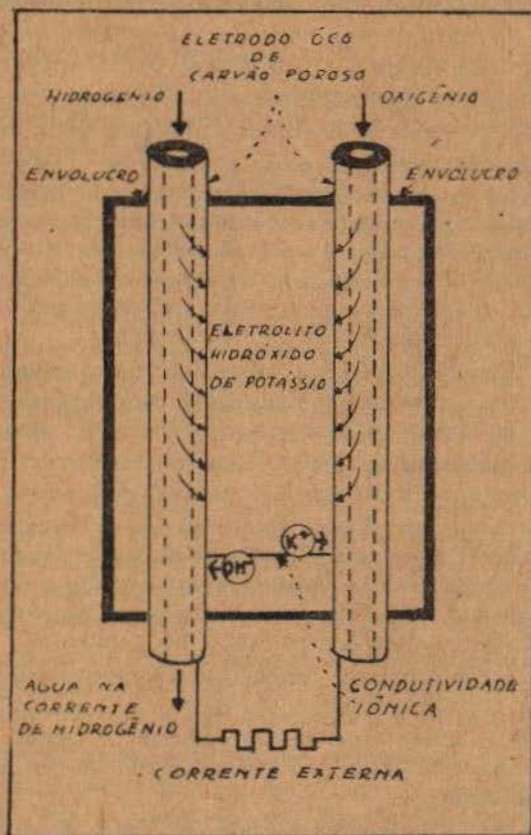
Uma diferença entre o novo conversor termoiônico e o par termelétrico está nos meios aplicados para a separação dos elétrodos.

Os metais do conversor são separados por um gás a baixa tensão. A corrente circula entre os elétrodos, porém menos calor circula do que num par termelétrico. Assim os elétrodos do conversor podem estar a diferentes temperaturas, melhorando grandemente a eficiência.

Os pares termelétricos foram usados durante anos para medir diferenças de temperatura. Na sua forma mais simples o par terme-

létrico é composto de 2 fios não semelhantes ligados numa extremidade com as pontas abertas ligadas a um indicador de temperatura ou controle eletrônico.

Sob algumas condições, semicondutores com propriedades térmicas e elétricas apropriadas são usadas em pares termelétricos em lugar dos familiares metais dissimilares.



Estações de relés, como parte dos sistemas de transmissão de telefones, são, muitas vezes, localizados em áreas remotas. Os Laboratórios da "Bell Telephone" desenvolveram um aparelho par termelétrico para dar energia aos amplificadores tipo transistor usados nestas estações.

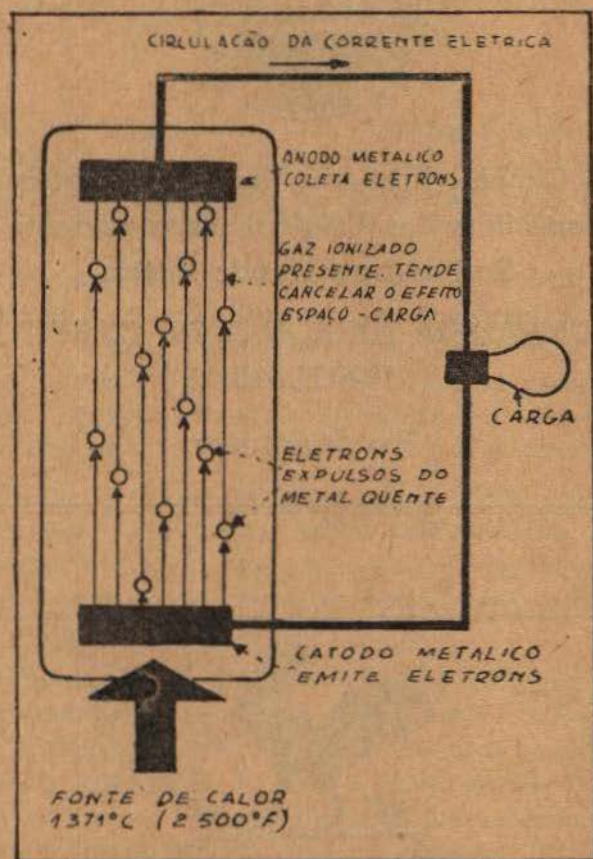
Mesmo tendo em vista que as eficiências são baixas, o esquema é prático já que amplificadores somente necessitam de 1 ou 2 watts de potência.

A única manutenção é a substituição infreqüente de um tanque de gás fornecedor do combustível para aquecer a junção.

Os russos usam um par termelétrico para geração de eletricidade em rádios acionados por querosene. Ainda aqui se tolera uma baixa eficiência. As eficiências anotadas são de cerca de 0,75%.

Uma dificuldade no melhoramento da eficiência do par termelétrico reside em achar-se materiais que sejam bons condutores elétricos, porém pobres transportadores de calor.

Essas propriedades, aliadas a sua potência termelétrica, determinam o mérito dos materiais destinados aos pares termelétricos.



Outras aparelhos foram usados ou propostos para converter luz em eletricidade (célula foto-elétrica, bateria solar), ou energia química em eletricidade (célula combustível). Todavia, as eficiências obtidas têm mantido esses aparelhos fora do quadro de elementos produtores de energia.

O futuro para o conversor termo-iônico, é ainda, enevoado.

Concebe-se que a fusão nuclear é va ser a fonte de calor. O esquema solar pode ser desenvolvido usando-se lentes e espelhos para atingir altas temperaturas necessárias.

A bola de cristal pode mostrar tais aparelhos como tampas para uma turbina a vapor.

A FUNÇÃO DO PODER EXECUTIVO NO ESTADO MODERNO

As tarefas e atividades do ramo executivo do governo vêm aumentando continuamente, nos últimos 20 ou 30 anos, segundo uma publicação recente da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

A *Função do Executivo no Estado Moderno* foi analisada na última edição do Boletim de Ciências Sociais, publicação trimestral da UNESCO, e o estudo — resultado de um levantamento patrocinado pelo Departamento de Ciências Sociais — contém monografias que tratam da evolução do Executivo em seis países: Canadá, França, União Soviética, Estados Unidos, Reino Unido e Iugoslávia.

No prefácio, escrito por Jean Meynaud, da Universidade de Lausanne, considera-se que na vida política contemporânea a separação dos poderes, ou pelo menos de alguns deles, está longe de ser absoluta e que, por isso mesmo, é preciso um certo cuidado para definir-se a posição do Executivo.

"Nesta conformidade, o método de análise conhecido como o de "tomada de decisão" representa um auxílio decisivo — escreve o professor suíço. Representando-se a realização dos negócios públicos como uma sucessão ininterrupta de decisões, nossa atenção é inevitavelmente atraída para as parcelas que cabem aos vários ramos do governo para determinar atitudes e exercer opções".

Diz ainda o Sr. Meynaud que "quase todos os estudos nacionais concordam em um ponto: o amplo escopo das tarefas executivas e a maneira como vêm aumentando continuamente, nos últimos 20 ou 30 anos". Nota que a monografia norte-americana apresenta uma lista muito sugestiva de deveres executivos, mas que o estudo soviético vai além, ao afirmar que entre as funções do Executivo figura a "organização da rede total de relações sociais". Segundo o autor do prefácio, essa circunstância prevalece em todos os países modernos, inclusive nos pequenos.

Prossegue o prefácio afirmando que êsse estado de coisas é sem dúvida, e pelo menos em parte, devido a uma ampliação geral do campo da atividade governamental. Com efeito, todos os órgãos de govêrno vêem suas tarefas e deveres aumentados dia a dia, mas acontece que êsses mesmos deveres e tarefas não parecem haver sido distribuídos harmoniosamente. Já se tornou um lugar-comum observar-se que as assembléias parlamentares não mais se ajustam às novas responsabilidades assumidas pelos governos do século XX e que a maior parte do aumento de funções recai sôbre o Executivo.

Em teoria, diz ainda o autor do prefácio, o Executivo deve receber suas ordens do Legislativo. Entretanto, o estudo da UNESCO mostra que, em muitos casos, talvez mesmo na maioria dos casos, o Executivo começa a aparecer como a força motriz do govêrno, embora não se possa apurar ainda que elementos são capazes de estimular ou de impedir o exercício crescente dessa força.

A monografia norte-americana cita a propósito a intervenção executiva na solução de greves e a tendência para reduzir — e em certos casos quase abolir — nos debates orçamentários, a iniciativa dos membros do Parlamento com relação à despesa, o que equivale a deixar o processo de seleção nas mãos do Executivo.

A medida que a sociedade vai se tornando mais complexa — conclui o Professor Meynaud — a necessidade de atender rapidamente a situações ocorrentes tende a favorecer o predomínio do Executivo, mas — adverte — "se o político abdica incondicionalmente em favor do especialista, o sistema tenderá pouco a pouco para a tecnocracia, o que é por todos os títulos indesejável".

*
* * *

"Os melhores ensinamentos para o futuro encontram-se nas lições do passado."

VON MOLTKE

"Estudemos os fatos que a História nos oferece, para compreendermos os complexos fenômenos de guerra."

GEN FOUCHÉ

"Para compreender a evolução normal da Doutrina Militar, e prever seu desenvolvimento futuro, é essencial um conhecimento generalizado da História Militar."

GEN GUENTHER BLUMENTRIT

BRASILIANAS

● As exportações durante o 3º trimestre de 1958

Pela ordem decrescente de valor — segundo informa o último Boletim da Sumoc — o cacau colocou-se, no 3º trimestre de 1958, imediatamente após o café, com uma liquidação de câmbio que rendeu o equivalente a US\$ 30.7 milhões, em tôdas as áreas monetárias, duplicando em relação ao resultado obtido em idêntico período de 1957 (US\$ 15.3 milhões) Duas são as causas responsáveis pela disparidade entre os resultados de 1957 e 1958. A primeira, e a mais importante refere-se à retração dos centros consumidores, no ano passado, em virtude da adoção pelo Brasil de um preço mínimo de 31.60 "cents" de dólar por libra pêso, nível superior aos que então vigoravam no mercado internacional. Tal medida foi consequência do conhecimento de estimativas de uma safra mundial menor que a anterior, o que acarretaria, por certo, alta nos preços do produto. Aquela medida cuidou apenas de garantir níveis razoáveis para o "temporão", (produção brasileira que ocorre entre 1 de maio e 31 de agosto), fato não compreendido à época pelos consumidores. A segunda causa se relaciona com os maiores preços vigentes em 1958, quando o preço mínimo cifrou-se em 40.75 a libra pêso.

MADEIRAS

O item madeiras, colocando-se em terceiro lugar na nossa pauta de exportação, no terceiro trimestre de 1958, totalizou a receita de US\$ 16 milhões, acusando uma diferença de US\$ 3 milhões, para menos em confronto com igual período de 1957. Como se observa, a discrepância nesta época do ano atinge pequeno montante, o que não sucede no primeiro semestre, quando cifras elevadas diferenciaram 1957 de 1958. Os grandes volumes adquiridos pela Argentina durante todo o primeiro semestre do ano passado possibilitaram a recuperação dos estoques madeireiros platinos, abalados pelas fracas aquisições efetuadas no ano anterior, em virtude de complicações de ordem interna no vizinho país. Já no segundo semestre do referido ano as compras se reduziram, voltando à normalidade explicando-se, desta forma, a pequena diferença nos dois períodos considerados na presente análise.

MINÉRIOS

Embora registrando a receita de apenas US\$ 14.8 milhões com uma queda de US\$ 7.0 milhões em confronto com a de julho a setembro de 1957, o item "minérios" colocou-se entre os quatro principais produtos de nossa pauta de exportação, no 3º trimestre de 1958. Poder-se-á justificar essa menor receita com o fato de serem relativamente altos os estoques das nações importadoras, apesar da recuperação que se observa nas suas indústrias siderúrgicas. Tanto os minérios de ferro quanto os de manganês estão com o movimento do mercado reduzido, não sendo, inclusive, suficiente para firmar cotações, fato êsse que garante ao produtor brasileiro uma certa segurança, pelo afastamento das flutuações internacionais.

PETRÓLEO

Em valor o item "Petróleo e Derivados" situou-se em 5º lugar na pauta de exportação, com uma receita, para o trimestre em análise, de US\$ 4.9 milhões.

● Energia Elétrica

A fim de que o Brasil mantenha o atual ritmo de desenvolvimento é indispensável dispor, em fins de 1960, de uma potência instalada de 5,0 milhões de KW. Como em fins de 1957 dispúnhamos de 3.718.646 KW, não deveremos estar muito longe, em termos de possibilidades, de atingir aquele nível. Considerando que estão em franco desenvolvimento importantes obras de aproveitamento do potencial hidráulico, tais como as represas de Furnas e Três Marias, e mais ainda, os planos regionais em curso no Estado de São Paulo, ampliação da potência instalada de Paulo Afonso e outros programas de menor vulto, podemos guardar certa tranquilidade.

Pode-se dizer que somente a partir de 1950 compreendemos a importância de incrementar a instalação de novas unidades de produção de energia elétrica. Naquele ano tínhamos apenas 1.882.500 KW instalados. Para chegar ao volume registrado em fins de 1957, instalamos, em 7 anos, 1.836.146 KW. Poderíamos ter ido mais longe, não fossem os óbices encontrados pelas empresas concessionárias na legislação específica, sobretudo no Código de Águas e Energia Elétrica, cuja reforma muito prometida até o momento não se realizou.

Com todo o esforço realizado, porém, está o Brasil numa situação ainda pouco lisonjeira. Haja vista que cada KW de potência instalada em fins de 1957 corresponde a 60,6 habitantes e que cada KW corresponde a 436,7 km². No tocante à produção de energia em KWh-habitante-ano, chegamos ao índice de 253, correspondente a 0,050 KW-hab., 0,42 KW-km², ficando o Brasil numa posição inferior à registrada estatisticamente para Tcheco-Eslováquia, Congo Belga, Holanda, Chile, Argentina, Uruguai e outros, exclusão feita, naturalmente, de um sem número de países que desfrutam, no particular de uma situação excepcional.

A nossa grande esperança reside no fato de que o potencial hidráulico do país está estimado em 22.359.300 c.v., do qual usamos, até agora, uma parcela mínima.

A energia elétrica, sob o ângulo da potência instalada, de acordo com os planos mais recentes, vem se revelando num fator importante de diversificação para o desenvolvimento industrial. Graças ao aproveitamento de recursos hidrelétricos em Minas Gerais, de Paulo Afonso, da execução de planos no Rio Grande do Sul e em outros Estados, vai se quebrando, aos poucos, a excessiva concentração industrialista que se processava no eixo Rio de Janeiro — São Paulo, a qual chegava ao ponto de ameaçar o próprio equilíbrio econômico do país.

● Indústria automobilística

Reveste-se de importância a notícia de que a Willys Overland do Brasil e a Renault, da França chegaram a um entendimento segundo o qual esta última participará da primeira, assegurando assim possibilidades de produção de automóveis de passageiros. A Willys completa

assim o seu programa, que estava mutilado desde que não fora possível um acordo com uma outra companhia americana. A Renault, empresa do governo francês, a maior produtora de automóveis de França e uma das maiores da Europa, possuindo fábricas as mais modernas, consegue através da Willys posição para manter o ritmo da competência com sua tradicional competidora, a Simca.

Os planos parcialmente divulgados adiantam, que a Renault investirá 10.540 mil dólares na ampliação das fábricas da Willys em São Paulo e Taubaté. Serão produzidos, inicialmente, 25 mil automóveis do tipo "Dauphine", por ano. Além de capitais, a Renault fornecerá também técnicos habilitados em suas usinas francesas. Este será, talvez, o último projeto relativo à produção de automóveis de passageiros no país, elaborado e aprovado na fase atual do GEIA, pois tendo em vista a situação cambial, tudo indica que, a partir de 1º de março, este grupo executivo não aprecie novos planos.

A indústria automobilística nacional, tem vivido dias de grande movimentação, que começaram, praticamente com a chegada aqui do Sr. Henri Ford, para uma inspeção às instalações de suas fábricas no país e terminará possivelmente com a inauguração, no próximo dia 10 de março, da fábrica de motores Chevrolet, montada pela General Motors em São José dos Campos.

Essas três organizações — Willys, Ford e General Motors, mais a Mercedes Benz, crescem de importância rapidamente no mercado interno e, entre elas, teremos o capítulo mais importante na competição pela conquista de um melhor lugar ao sol. Prossegue a nacionalização progressiva, de acordo com os planos estabelecidos e cogita-se ativamente das possibilidades de veículos brasileiros no mercado externo, os quais têm sua exportação liquidada através do mercado de câmbio livre, da mesma sorte que as autopeças.

O Brasil, é hoje, o maior produtor de veículos automotores na América Latina, sendo, outrossim, aquele que dispõe de melhor mercado interno como base para desenvolvimento desta produção. O problema mais sério com que lutam hoje as indústrias automobilísticas instaladas no país é o do financiamento das vendas a crédito, cuja importância se define pelo nível da produção estimada para o ano em curso: cerca de 96 bilhões de cruzeiros.

● Nossas fronteiras terrestres na Amazônia

Além dos 1.000 km de fronteira marítima, onde se encontram o estuário do Rio-mar e, à curta distância, as ricas jazidas do Amapá, as fronteiras terrestres da Amazônia representam cerca de 70% das do país, com seus quase 11.000 km de linha divisória, ao longo das três Guianas e das Repúblicas da Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia.

Excetuando-se os trechos dos Rios Tacutu, Mauvaupés, Javari, Abuná e Guaporé, nossas fronteiras terrestres desenvolvem-se praticamente em linha seca. Ao N, balizam a linde, as cristas do sistema Guiano, em que se destaca o Monte Roraima, com seus 2.800 m de altitude. A W e SW, a regra é a planície e a selva, salvante as rugas andinas, no Território do Acre.

A selva seria um obstáculo tranquilizador na proteção de nossa faixa fronteiriça não fôsses os numerosos cursos d'água que a atravessam e conduzem ao interior da região. Entre tais cursos d'água destacam-se o Tacutu, o Negro ligado ao Orenoco pelo Canal Cassequire, o Vaupés, o Japurá, o Içá, o Solimões, o Juruá, o Purus e o Madeira.

Históricamente, as fronteiras têm servido para :

- Separar soberanias ;
- Proteger o território ;
- Isolar o país, quando necessário ;
- Facilitar as trocas.

Como funcionam nossas fronteiras :

O litoral e os 11.000 km de fronteira terrestre, reconhecida em tratados pelos países vizinhos separam, nitidamente, o território nacional de outras soberanias.

Nenhum obstáculo intransponível barra o acesso à nossa casa, seja vindo do mar, seja de qualquer direção terrestre. Os elementos militares, adequadamente distribuídos pela fronteira, são ainda reduzidos e fracos. Têm, apenas, função nacionalizadora e de vigilância. Releva, certamente, lembrar que nenhuma tensão política, social ou militar oferece sintoma de perigo iminente, em face de qualquer dos países vizinhos, com os quais mantemos as melhores relações de amizade internacional.

Dados a extensão da fronteira e os fraquíssimos elementos humanos salpicados ao longo dela, não é possível isolar o país, efetivamente, fechando a fronteira, como ocorre em países de outros continentes. O capítulo facilitar as trocas assume caráter especial nas fronteiras da Amazônia. Por deficiências que não nos cabe aqui analisar, grande parte das trocas se faz clandestinamente. O nome desagradável de contrabando já vem cedendo lugar ao eufemismo de desencaminho. Os marreteiros de perfumes, bebidas, tecidos, utensílios domésticos, etc., são elementos de prestígio na sociedade e talvez mais conhecidos do povo do que os próprios dirigentes deste. Ninguém ignora as grandes fortunas rapidamente formadas à sombra do comércio ilegal. As autoridades, sem dúvida, se preocupam com essa anomalia e, nas razões de criação do CMA, Comando Militar da Amazônia, encontramos explicitamente : "Necessidade de repressão ao contrabando".

● Precisamos reduzir nosso atraso

Estamos avançando no sentido de nosso desenvolvimento material mas somos forçados a reconhecer-nos ainda muito atrasados, principalmente em relação aos países de alto grau de industrialização. Uma análise comparativa de nossa marcha com a das nações desenvolvidas resultará em algo de inquietante. Devemos ter a ambição de não nos contentar com o que já fizemos, e o orgulho de não nos resignarmos a continuar em posição secundária. Na verdade, não se trata sequer de ambição ou orgulho.

Já existe, na consciência coletiva brasileira, a noção de que o nosso desenvolvimento é um imperativo de segurança nacional. Temos de acelerar o passo, integrando-nos num ritmo de crescimento mais rápido. Cumpre-nos procurar, a todo o transe, o socorro da técnica moderna. Temos de ocupar, nos mapas econômicos e políticos, uma posição correspondente à nossa importância territorial e demográfica. A grande tese do nacionalismo brasileiro, a meta dos verdadeiros patriotas consiste em diminuir a margem imensa que nos separa dos povos que

se elevaram à prosperidade. Esse ideal constitui, por outro lado, um objetivo de prudência neste mundo de dura competição.

Para alcançarmos um ritmo de crescimento satisfatório é preciso que não apenas uma parte do povo brasileiro trabalhe, mas que o trabalho seja repartido igualmente entre todos. Vivemos num deficit permanente de trabalho. A hora exige que todos os brasileiros se integrem na ação redentora de nosso País.

● Um remédio para a Sêca do Nordeste

A Sêca é o fantasma da Morte que persegue há muitos anos as populações nordestinas. A desolação e o pranto, a miséria e a fome, o desespero que leva à loucura, fizeram daquele pedaço de chão brasileiro o palco de cenas dantescas que espantam e emocionam, que envergonham e comovem.

O problema, porém, não é insolúvel. Se não foi resolvido até hoje é porque não souberam equacioná-lo. Não basta votar verbas fabulosas, nem trazer para os jornais pedidos de auxílio aos flagelados, nem encher os ares com discursos piedosos. Isso tem sido feito abundantemente sem proyeito algum para os que sentem no corpo e no espírito o terrível flagelo; para os que abandonam seu lar, suas plantações, seu gado e, mais doloroso do que tudo isso, a terra que lhes serviu de berço.

Não constitui segredo que a maior parte do auxílio destinado aos flagelados da Sêca desaparece na voragem da desonestidade, da inépcia, da burocracia emperrada. De quando em vez os jornais aludem a verbas que foram desviadas para fins políticos, ou gêneros podres embarcados para matar a fome aos desgraçados, ou ainda, latarias de comestíveis enchendo as prateleiras das casas comerciais de capitais nordestinas, ostentando rótulos que denunciam tratar-se de mercadoria enviada aos flagelados. É a maldade no seu mais elevado grau, a falta de escrúpulos na sua missão repulsiva de enriquecer homens sem capacidade para fazê-lo honestamente. É a negação dos princípios religiosos que norteiam o povo brasileiro, esse povo tradicionalmente bom e generoso.

A despeito de todos os programas para acabar com a Sêca do nordeste, o mal continua. E continuará por muito tempo se os processos não mudarem, e não mudar o remédio. Esse é um mal com raízes profundas, e que não pode ser debelado demagógicamente. É uma obra para os esforços conjugados de várias instituições com o Governo. A igreja estaria entre as primeiras, e os ministérios da Aeronáutica e da Guerra fariam a parte do Governo. O padre e o militar devem ser os modernos bandeirantes capazes de criar condições normais de vida em terras que a Sêca devastou, e na qual os políticos, os maus políticos, consumiram milhões de cruzeiros inutilmente. A igreja e o quartel serão o marco de novas e modernas cidades; serão a esponja que apagará a marca dos dedos daqueles que se esqueceram dos seus deveres e abdicaram dos seus direitos humanos.

● Rami

Está sendo fortemente estimulada a produção de rami no Brasil esperando-se, para o ano em curso, um aumento de 30%. O seu êxito como substituto do linho é o grande responsável pelo desenvolvimento da cultura. Os tecidos leves, de linho, tanto para roupas masculinas como femininas, tradicionais no Brasil sobretudo de procedência irlandesa, tor-

naram-se de preço quase proibitivo em virtude da política seletiva da importação. A produção nacional de linho não é ainda de qualidade satisfatória e restrita ao Rio Grande do Sul. O rami, embora de clima frio, adaptou-se muito bem no Paraná e em São Paulo sendo que só o primeiro desses Estados espera produzir 10 mil toneladas. Duas indústrias de São Paulo vêm se dedicando ao emprego do rami na fabricação de tecidos têxtil Beru S. A., de Guarulhos e Têxtil Irajá, de São Roque. As duas fábricas controlam uma importante empresa agrícola, no Paraná e as três unidades econômicas movimentam um capital de 370 milhões de cruzeiros, possuindo uma capacidade mensal de fiação de 40 mil quilos. O tecido de rami é 25% mais resistente que o de linho.

● Carne

O rebanho bovino brasileiro é hoje quase tão grande quanto a população do país, estando totalmente recuperado do desgaste sofrido nos anos de guerra. O Brasil, que desde a primeira guerra mundial desfrutou de boa posição no mercado mundial de carnes está agora em condições de ampliar sua participação no abastecimento dos grandes centros consumidores, tanto com carne bovina como ovina. A Argentina espera poder elevar suas exportações de carne a 300 milhões de dólares por ano e isto deve servir de exemplo e advertência ao Brasil, que tem no rebanho um potencial de divisas de primeira ordem.

● Níquel

O desenvolvimento das indústrias mecânicas exige, cada ano, maiores suprimentos de metais não ferrosos, setor em que, até o momento, é grande o déficit brasileiro. Cuida-se no momento de intensificar a produção e a industrialização do níquel. Estão ultimados os projetos para a instalação de uma usina em Niquelândia, Goiás, onde grandes depósitos de minérios são conhecidos e vêm sendo estudados desde 1942.

● Cacau

Nenhum produto viu elevarem-se seus preços, no pós-guerra, no ritmo em que subiram os do cacau. Segundo documento apresentado pelo economista A. Viton, da FAO, essa tendência ainda continuará por muitos anos. Tal declaração foi formulada perante os delegados à Conferência Internacional do Cacau inaugurada em Accra no domingo último. Disse o Sr. Viton que tal alta deve-se ao "aumento insuficiente da produção". Durante a referida conferência foi abordado um ponto importante: a constituição dos consumidores a fim de ser assegurada a estabilidade de preços, aspiração óbvia dos países produtores.

● Safra de algodão

Há algumas divergências na apreciação e avaliação da próxima safra de algodão; enquanto uns a estimam em 450 mil toneladas, outros acham que não ultrapassará 300 mil. O consumo interno é avaliado em

200 mil, o que permitiria uma exportação de, pelo menos, 100 mil toneladas. Entretanto a atual bonificação para a exportação do algodão é pequena para permitir um preço competitivo no mercado internacional e se espera que as autoridades venham a melhorá-la.

• Energia Nuclear

A Comissão Nacional de Energia Nuclear, poderá, mediante aprovação do Chefe do Governo, organizar grupos de trabalho para estudos especiais, constituídos por servidores públicos, civis e militares ou pessoas de reconhecida competência estranhas ao serviço público. Face ainda ao mesmo decreto presidencial, os referidos grupos de trabalho, integrados, no máximo, por cinco membros, serão convocados por prazo não superior a três meses, salvo autorização especial do Presidente da República.

• Metalurgia — Aspectos atuais da expansão Nacional

Sendo o ferro elemento básico de todo o desenvolvimento industrial, cumpria fazer com que a produção interna se ampliasse de maneira a não prejudicar o desenvolvimento econômico do País.

O Brasil figura, aliás, no quadro internacional, como vigésimo segundo país produtor de aço, com produção que representa cerca de 1% da dos Estados Unidos. Em 1955, a produção nacional foi de 1 milhão e 150 mil toneladas de lingotes de aço, sem dúvida insuficiente à manutenção da taxa média de expansão na nossa economia. O programa (governamental prevê) a duplicação de nossa atual produção, ou seja, 2 milhões e 300 mil toneladas em 1960, e a futura expansão para 3 milhões de toneladas em 1965. Em 1958, produzimos 1 milhão e 500 mil toneladas. Dos novos empreendimentos — a COSIPA e a USIMINAS — juntamente com a expansão da Companhia Siderúrgica Nacional, a Belgo-Mineira e a Manesmann elevarão a produção de mais de 1 milhão e 700 mil toneladas.

A indústria de alumínio apresenta amplas possibilidades de desenvolvimento, não só por contar o País com grandes reservas de bauxita e considerável potencial hidrelétrico, mas também pelo rápido ritmo de crescimento de consumo nacional desse metal. A conclusão das obras em curso e as ampliações programadas permitirão elevar consideravelmente a capacidade de produção dessa indústria, de 2.200 toneladas para 25.000 em 1960. Já se alcançou, no ano findo, a capacidade de 16.800 toneladas.

O atraso em que se encontravam a mineração e a metalurgia dos metais não ferrosos era incompatível com o grau de desenvolvimento material do País, prevendo-se que a demanda exigiria, em 1960, quantidades no valor de 100 milhões de dólares. O decisivo apoio governamental, sob forma de créditos, financiamentos, ampliação das atividades de prospecção e facilidade para treinamento de geólogos, favoreceu sobremodo a expansão da iniciativa privada. As etapas fixadas nos metais de cobre, chumbo e níquel foram atingidas. A indústria nacional do zinco era inexistente. Encontra-se no estágio inicial a sua implantação, já estando em construção uma usina, para a qual o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico destinou um empréstimo de 200 milhões de cruzeiros.

● Novas perspectivas para a produtividade da agricultura com a implantação da indústria automobilística

As terras cultivadas do Brasil dividiram-se no que se chama de "zonas velhas" e "zonas novas". Nas zonas "velhas", a área de produção agrícola vai-se contraindo, com a correspondente extensão dos terrenos entregues às pastagens. Nas zonas "novas", registra-se fenômeno inverso e, em consequência, um afluxo de população rural emigrada das regiões onde o cultivo agrícola foi deixado ao abandono.

O problema consiste, especialmente, na recuperação das zonas velhas, já que o distanciamento dos centros produtores acarreta a necessidade da construção de estradas onerosas e da instalação de serviços assistenciais de vulto às populações deslocadas. Impõe-se, portanto, o uso intensivo dos meios mecânicos para o reaproveitamento das antigas plantações, a rotação das culturas e a formação de pastos bem tratados. Essas tarefas exigem, evidentemente, o emprêgo de tratores em larga escala. O parque de tratores do Brasil era apenas de 55 mil unidades em 1957. Com um terço da nossa população, a Argentina já conta com 60 mil. A pequena e adiantada Dinamarca possui cerca de 86 mil; a Austrália, 63 mil, a Turquia 46 mil, tendo passado de país importador a exportador graças à sua indústria nacional. As cifras relativas aos grandes países industrializados são verdadeiramente impressionantes: Estados Unidos, quatro milhões e meio; Alemanha, mais de meio milhão; França, em torno dos quinhentos mil. Em nosso país, a recente implantação da indústria automobilística abriu novas perspectivas para a indústria de tratores e implementos agrícolas. Nos últimos três anos, o mercado brasileiro, diante da escassez de divisas das áreas do dólar e das moedas conversíveis, passou a ser invadido por marcas de tratores até então desconhecidas, oriundas de países europeus. Hoje em dia, funcionam em território nacional tratores de mais de 130 marcas importadas. São claros os inconvenientes dessa variedade de tipos, porque vêm a faltar as peças sobressalentes e as firmas de origem quase nunca asseguram os necessários serviços de manutenção. A fabricação nacional é a reposta indicada para esse grande problema, cuja importância pode ser acentuada ao citar-se o fato de que 40 milhões de dólares anuais já não são suficientes para as necessidades de importação de máquinas agrícolas pelo Brasil.

● Pronta a nova ponte sobre o São Francisco

Com a entrega ao tráfego da ponte metálica sobre o rio São Francisco ficam ininterruptamente ligados, via rodoviária, o Nordeste, o Leste, o Sul e o Centro-Oeste, sendo eliminada a última travessia utilizando balsas.

Situada a 3 quilômetros da cachoeira de Paulo Afonso e na transposição do rio pela BR-12 (Natal-Arcoverde-Paulo Afonso-Salvador) a ponte sobre o São Francisco é também ponto inicial da BR-65, (Paulo Afonso-Garanhuns-Caruaru). O sistema federal de estradas de rodagem, através das BR-53, BR-58, BR-27, BR-26, BR-23, BR-28 e BR-11, está diretamente ligado às BR-12 e BR-65, que atingem Paulo Afonso. Ainda o mesmo sistema, através das demais BR em tráfego, para o Norte e para o Sul, estabelece as conexões com a dessa rede rodoviária nordestina. Todas as capitais de Estados, excetuadas Belém e Manaus, têm, em caráter definitivo, suas comunicações via rodoviária asseguradas através da ponte ora entregue ao tráfego sobre o rio São Francisco.